

escola de psicanálise dos fóruns do campo lacaniano - brasil

Stylus

revista de psicanálise

Stylus	São Paulo	nº 51	p. 1-232	outubro 2025
--------	-----------	-------	----------	--------------

© 2025, Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (FFCL/EPFCL-Brasil)

Todos os direitos reservados.

Stylus – Revista de Psicanálise

É uma publicação semestral da

FEDERAÇÃO DOS FÓRUNS DO CAMPO LACANIANO – Brasil

Avenida Brasil, nº 2101. Jardim América. CEP: 01431-001. São Paulo – SP

<http://stylus.emnuvens.com.br>

E-mail: cg.epfclbrasil@gmail.com

COMISSÃO DE GESTÃO DA FFCL/EPFCL-BRASIL

Diretora: *Glauícia Nagem de Souza*

Secretária: *Elynes Barros Lima*

Tesoureira: *Daniele Guilhermino Salfatis*

EQUIPE DE PUBLICAÇÃO DE STYLUS

Ercília Maria Soares Souza (editora)

Francina Souza

Geísa Freitas

Paula Bastos

Sheila Skitnevsky Finger

PRODUÇÃO EDITORIAL

Débora de Castro Barros

COPIDESQUE E REVISÃO DE TEXTOS

Débora de Castro Barros

INDEXAÇÃO

Index Psi Periódicos Técnico-Científicos

PePSIC – Periódicos Eletrônicos em Psicologia

ORGANIZAÇÃO, DIAGRAMAÇÃO E

PUBLICAÇÃO DIGITAL

113dc Design+Comunicação

TIRAGEM

400 exemplares

CONSELHO EDITORIAL

Adriana Dias de Assumpção Bastos (Uerj/EPFCL-Rio de Janeiro)

Albert Nguyễn (EPFCL-França)

Ana Laura Prates Pacheco (Labeurb-Unicamp/EPFCL-São Paulo)

Antonio Quinet (Ipub-UFRJ/UVA-RJ/EPFCL-Rio de Janeiro)

Bernard Nominé (EPFCL-França)

Christian Ingo Lenz Dunker (USP/EPFCL-São Paulo)

Colette Soler (EPFCL-França)

Diego Mautino (EPFCL-Itália)

Elisabete Thamer (EPFCL-França)

Elisabeth da Rocha Miranda (PUC-Rio/UVA-RJ/EPFCL-Rio de Janeiro)

Ingrid Figueiredo (EPFCL-São Paulo)

Lia Carneiro Silveira (Uece/EPFCL-Fortaleza)

Luis Achilles Rodrigues Furtado (UFC/EPFCL-Fortaleza)

Luis Izcovich (EPFCL-França)

Marcella Laboissière (EPFCL-Brasília)

Marcos Barbai (Labeurb-Unicamp/EPFCL-Campinas)

Maria da Glória Schwab Sadala (UVA-RJ/EPFCL-Rio de Janeiro)

Oswaldo Costa Martins (EPFCL-Fortaleza)

Raul Albino Pacheco Filho (PUC-SP/EPFCL-São Paulo)

Rosane Braga de Melo (UFRRJ/EPFCL-Rio de Janeiro)

Sandra Leticia Berta (EPFCL-São Paulo)

Sheila Abramovitch (Uerj/EPFCL-Rio de Janeiro)

Sidi Askofaré (EPFCL-França)

Sonia Alberti (Uerj/EPFCL-Rio de Janeiro)

Sonia Xavier de Almeida Borges (UVA-RJ/EPFCL-Rio de Janeiro)

Tatiana Carvalho Assadi (EPFCL-São Paulo)

Vera Pollo (UVA-RJ/PUC-Rio/EPFCL-Rio de Janeiro)

FICHA CATALOGRÁFICA

STYLUS: revista de psicanálise. / Escola de Psicanálise dos

Fóruns do Campo Lacaniano. – n. 51, 2025. São Paulo :

Federação dos Fóruns do Campo Lacaniano, 2000 – .

Semestral

ISSN 1676-157X (impresso)

ISSN 2595-752X (on-line)

1. Psicanálise - Periódicos.
 2. Psicanalistas - Formação - Periódicos.
 3. Psiquiatria social - Periódicos.
 4. Psicanálise lacaniana - Periódicos.
 5. Psicanálise e arte - Periódicos.
 6. Psicanálise e literatura - Periódicos.
 7. Psicanálise e política - Periódicos.
- I. Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano.

CDD 50.195

Editorial

No começo do ano 2025, quando fizemos a primeira chamada para submissão de trabalhos para a revista *Stylus* n. 50, tivemos um número expressivo de envios, o que nos fez decidir por duas edições em torno do mesmo tema, oriundo do XXIV Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil), realizado em 2024.

Assim, a edição n. 51 reúne autores que fazem articulações sobre “A criança, o infantil e a fantasia”, como expressa seu tema, e que, de forma muito diversa, examinam conceitos importantes. Começamos com a *Conferência Bilíngue* de Michel Bousseyroux, que dialoga com os estudos de Marie-Christine Laznik sobre bebês muito pequenos. Bousseyroux, com sua verve poética, tece um texto sobre lalíngua, circuito pulsional, prosódia, nó borromeano, fantasia fundamental, articulando tais fundamentos a Enrico, um *infans* em análise, um bebê considerado “como tendo risco elevado de autismo”, tratado por Laznik. Ler esse texto é acessar uma preciosa concatenação de conceitos e sua pertinência na clínica psicanalítica não só com crianças.

Em seguida, temos a seção de *Trabalho Crítico com os Conceitos*, que reúne cinco textos, dos quais os iniciais tematizam a fantasia e seus desdobramentos. Sandra Belchiolina de Castro fundamenta sua argumentação sobre a fantasia infantil como “um operador fundamental na constituição do sujeito”. Retoma um texto clássico de Freud, “Bate-se numa criança”, associando-o à leitura de Lacan, para, ao final, tratar do desejo do analista. Ruben Artur Lemke questiona o valor universal da fantasia infantil e, para isso, desenvolve argumentos sobre o conceito, tomando-o como “quadratura da experiência de mundo”, como recurso ao desamparo, relacionando-o com sua estrutura de corte. Peter Augusto da Silva e Bárbara Maria Brandão Guatimosim assinam o próximo texto e interrogam a demanda de felicidade no tempo atual, tomada como um imperativo no qual “ser feliz não é mais um desejo, é uma obrigação e é instagrável”. Perguntam de forma enfática o que uma análise pode oferecer e, na companhia de Riobaldo, Diadorim, Clarice e Manoel, dizem que uma análise indica “um ponto de tropeço” e um “(...) inventar uma forma própria de dizer, de desejar e de viver”. Escrevendo também sobre os imperativos da felicidade, Amanda Zanetti e Daniela Scheinkman enfatizam o caráter subversivo da psicanálise, que se apresenta como “uma forma de resistência ética e política aos discursos dominantes”, amplamente diferente de práticas que visam a uma adaptação social e a um aparente bem-estar. Ressalta que um sujeito pode, pela via de uma análise, ter “não uma vida feliz, mas uma vida

interessante”. Encerrando essa seção, Julie Travassos se dedica a um assunto denso: as políticas de extermínio que incidem sobre os corpos de crianças e como um psicanalista pode responder a isso. A autora apresenta o que dizem os legisladores e os eruditos, destacando a junção entre sexualidade e poder, que configura os diferentes discursos. Cabe, de acordo com Julie, fazer valer “a política da falta-a-ser, que compreende o sujeito castrado por definição”; isso é o que permite ao psicanalista exercer seu ofício.

O texto de Beatriz Soares Chnaiderman inicia a seção *Direção do Tratamento* e tem como foco principal a discussão sobre o papel ativo de um bebê no encontro com o Outro. Para isso, retoma, conceitualmente, a relação especular e o circuito da pulsão. Francisca Jaquelane Pontes Marques e Luis Achilles Rodrigues Furtao escrevem sobre crianças autistas tomando como fonte de estudos e articulações o caso Mireille, criança atendida por Maud Mannoni. Uma das proposições desse texto, com precisa pesquisa sobre o uso de termos teórico-clínicos, é “(...) desfazer um reiterado mal-entendido conceitual que culpabiliza os pais de autistas a partir da psicanálise”. Em seguida, temos Dulcemara Machado Dedino, que descreve o atendimento de um menino de 11 anos com gagueira e asma, que sofria *bullying* na escola, para interrogar a especificidade da entrada em análise de uma criança. O texto de Tatiana Pellion encerra essa seção de forma muito instigante, ao colocar sob o holofote o atendimento a bebês. Quais riscos? Quais implicações éticas? Quais contribuições? E, com a perspectiva de formular algumas respostas, descreve o atendimento de Martin, um bebê de 4 meses que gritava de forma estridente, sofria de crises de epilepsia pós-natal e estava internado em uma unidade de terapia intensiva. A analista realiza um trabalho cuidadoso e atento, que atualiza perguntas feitas há 60 anos: “o corpo está na maca, o caso está no dossiê, mas onde está a criança?”.

Retomamos a seção *Ensaio*, vista em outras edições, que apresenta o diálogo com outros campos de saber. Aqui, temos dois textos: o de Andréa Oscar e o de Renata Santiago Freire. No primeiro, a autora dialoga com a literatura, mais especificamente com a novela poética *Miguilim*, de Guimarães Rosa. E, ao se imiscuir na história, discorre sobre o sofrimento de uma criança de 8 anos — “um sufocamento” —, o atravessamento do luto, a imprescindível separação do Outro, para, por fim, poder dizer junto com o pequeno: “(...) Assim, animoso decidia distanciar. É preciso viajar. Acertar no sentir. Desengolir da garganta e caminhar.” O texto de Renata dialoga com o feminino e a moda — definidos pela autora como um “campo privilegiado para os jogos de semblante”. Ao tratar um excerto de sua clínica, a autora apresenta o vestir como “um modo de estar no mundo”, como a mulher e a mascarada se conjugam e como “misturar moda com psicanálise é deslocamento de eixo”.

A seção *Espaço Escola* apresenta autoras que escrevem sobre os dispositivos que são a base de nossa formação: cartel e passe. Começamos com Andréa Lima dos Santos, que descreve como uma ruptura brusca de um cartel provoca impasses e mal-estar. Apesar disso, esse lugar de desassossego pode ser tomado como “uma aposta, uma forma de travessia, de atravessar os tempos que se amarram à linha do coletivo e do particular, uma forma de poder suportar os furos e o tempo de cada um”. Isabela Ledo Carapeto, autora do segundo texto, apresenta sua experiência na função passadora. Na construção de seus argumentos, relata dois sonhos, em uma tentativa de fazer ressoar uma transmissão que enlace passe, tradução, tempo, testemunho, saberes, frestas, furos ditos com outros sotaques. O texto de Pastora Rivera é um escrito sobre seu final da análise e passe, portanto, seu testemunho, que tem valor de “transmitir sem universalizar, de causar sem definir”. Pastora escreve no singular, dirigindo-se ao plural, que se apresenta nas atividades, nos ouvintes, na Escola, assegurando que o “(...) dispositivo confronta o sujeito com a impossibilidade de dizer tudo, com esse limite estrutural, em que o significante tropeça no real, em que algo escapa à simbolização”. Para finalizar essa seção, temos os textos de Andréa Franco Milagres e Gláucia Nagem de Souza, que se aproximam no que tange ao funcionamento da Escola, pois escrevem sobre suas experiências ocupando funções na Comissão Local Epistêmica de Acolhimento e Garantia (Cleag) e no Colegiado dos Representantes da Internacional dos Fóruns (Crif), respectivamente. Andréa faz um balanço de cartéis em funcionamento na EPFCL. E, ao nomear cartel “como pulmão, verdadeira chance de fazer a Escola respirar”, propõe um cuidado mais abrangente com seu funcionamento, pois “(...) o grande desafio é que esse dispositivo deve levar em consideração aquilo que nenhuma outra agremiação quer saber: o real em jogo na formação analítica”. Trata-se o tempo todo da formação de um psicanalista. E Gláucia dirige seu texto aos fóruns em formação, que, por sua efemeridade, poderiam bem ser chamados de “fóruns-fátuos”. Tais fóruns não são fóruns da Internacional dos Fóruns (IF), mas têm a Escola “no horizonte de sua orientação”, por isso se tornou imprescindível um tipo de formalização.

Uma revista é tecida com muitos escritos, com inúmeras vozes e com muito trabalho. Agradeço a todos que colaboraram com este número de *Stylus*, em especial a Francina, Geísa, Paula e Sheila, pela presença no dia a dia desse fazer.

Fortaleza, setembro de 2025
Ercília Maria Soares Souza